



PAIXÃO – EMBOTA A SENSATEZ, ANESTESIA A RACIONALIDADE E DEIXA MÍOPE A RAZÃO.

Início este texto indagando: Você se considera uma pessoa sempre sensata, racional? Eu não sou.

Mudamos em 1970 do Bairro do Carlito Pamplona para o Dionísio Torres e passamos a ter outra realidade, essa pra melhor, na vida dos Oliveira. Entre outras coisas, por conta da proximidade com locais que já frequentávamos morando no longínquo Carlito, como o Colégio Juventus e o do Santa Cecília, onde eu e meu irmão João Jacques e minha irmã Josmara, respectivamente, estudávamos.

Possibilitou-nos também frequentar outros para complementar nossas atividades extracurriculares e sociais, ou seja, poderíamos com segurança ir e voltar rapidamente para estes locais de ônibus, dando uma folga a nossa saudosa mãe Lúcia. Nada mais justo, já que nos levava e nos buscava o dia todo.

A partir daquele mesmo ano nosso pai, Zé Pereira, passou a nos levar ao então pequeno e acanhado estádio de futebol, o Presidente Vargas, ou simplesmente PV. Ele e Jacques torcedores do Ferroviário.

Mesmo sendo torcedor do Fortaleza eu os acompanhava aos jogos do Ferroviário. Rapidamente constatei que poderia ir de ônibus, sozinho ou com amigos, ver as partidas do meu time de coração, o tricolor.

Muitas vezes fui ver Fortaleza e Quixadá, Calouros do Ar ou contra o Tiradentes em uma quarta-feira à noite, mesmo que estivesse chovendo. Isso sem dúvida era a prova do fanatismo de um torcedor.

Tive vários parceiros nas idas ao PV. Não perdia uma partida lá, nem também depois de inaugurado em novembro de 1973, nas diversas idas ao grande Castelão ver o Leão jogar.

Passei a namorar em 1978 com minha esposa, Katia, que nunca tinha colocado os pés de praticante de dança moderna em um estádio. O que o amor não faz. Miguel Leitão, dois anos depois, passou a namorar Sônia, irmã de Katia, e ele também é tricolor. Um quarteto, indo sempre juntos aos jogos.

Tive a coragem de levar ao Castelão, em duas ocasiões, as irmãs Katia, Sônia, Márcia e Moema Musy a partidas da seleção brasileira. Fomos em meu fusquinha branco e ficamos atrás de uma das traves no último lance de arquibancada. Para quem nunca foi a um estádio, é o pior ponto para se ver um jogo.

Em um de nossos encontros familiares contei, dia desses, essa aventura para Sarinha (médica) e Gabiquinha (arquiteta), filhas de Miguel Leitão e Sônia, bem como à Maiarina (universitária de Engenharia de Produção) e Matheus (vestibulando), filhos de Eliton Araújo e Márcia. Eles, claro, também tricolores, assim como seu filho Matheus e o meu David (Administrador) e o Marcos (Engenheiro Civil). Não acreditaram que tive esta coragem toda. Nem eu, pois sozinho já não seria fácil, quanto mais escoltando quatro belas joias raras.

Moema casou com Ricardo Martins e tiveram João Ricardo, que já aos quatro anos é torcedor do Ceará, com seu pai e mãe. Na família nem tudo poderia ser só vermelho, azul e branco, tricolor de aço.

Nas três décadas que residi em São Luis, tive algumas oportunidades, de quando em Fortaleza, de ir ao estádio na companhia de meu Marcos e/ou com o Miguel Leitão. Voltei a fazer isso novamente este início de ano, incluindo aí novamente minha Katia. Como se neste item o tempo tivesse simplesmente parado.

Você já passou um longo tempo sem realizar algo que tinha o hábito de fazer e retornou a fazer e sua percepção é de como se nada tivesse mudado? Pois foi esta a minha sensação. E não deveria ser? Não.

Pela Copa do Nordeste o Fortaleza ia jogar contra o Sport de Recife. Vislumbrei como excelente oportunidade para juntar a família toda neste evento. Para tanto, encaminhei minha sugestão via rede.

Minha Irma Josmara e Matheus gostaram da ideia. Fiquei empolgado com a possibilidade de dar certo.

Por outro lado, recebo a seguinte resposta do meu irmão João Jacques, vejamos: - "Louvável ideia..., mas eu decididamente tenho horror a futebol... violência, safadeza dos dirigentes e das torcidas organizadas, ambiente de aproveitadores políticos. Por ter participado de reuniões com vários órgãos desde o torneio antes da copa te digo que você não tem ideia da quantidade de pessoas envolvidas e a quantidade maior ainda dos que sofrem por conta de uma simples partida de futebol. São pessoas humildes que residem no entorno do PV ou do Castelão...". Imaginem o restante do desabafo dele.

Fiquei orgulhoso com a lucidez de meu irmão e respondi para ele: - "Concordo plenamente com você, inclusive vou escrever sobre o tema. Abstendo-me disso tudo, acho importante ir ver uma partida".

Quando indagado sobre algo, procuro ser extremamente cauteloso nas respostas. Quando no início deste perguntei se você se considera uma pessoa sempre sensata e racional, "sim" foi à resposta?

Não estou aqui para questionar a sua resposta, entretanto imputamos, a nós mesmos, coisas que nem sempre literalmente correspondem à verdade. Mais que normal, pois somos humanos, nos achamos.

A minha antiga paixão pelo futebol despertou de um longo e profundo sono; acordou com forças suficientes para embotar minha sensatez, anestesiar minha racionalidade, deixando-me míope de razão.

Katia e eu, naquela noite, não tivemos a companhia de nenhum dos nossos antigos parceiros de idas e vindas a estas duas praças de futebol. Ainda procuro respostas para o ocorrido, talvez as tenha no meu subconsciente e não queira trazê-las para o nível racional, de sensatez, de amadurecer, e me brutalizar por um sem numero de razões que existem para isso.

Espero que exista uma faixa entre a razão e a sensatez, de poder ver *in loco* uma partida de futebol, em que eu possa transitar com segurança com minha Katia, torcendo pela vida, por uma **PAIXÃO**.

Por: Adm. JOSÉ PEREIRA DE OLIVEIRA FILHO CRA 0296 MA

Imagem extraída de portal da internet.